

TEATRO

5, 6, 19, 20 MARÇO 2016

Guy de Cointet

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Sábado 5, domingo 6,
sábado 19, domingo 20 de março
Pequeno Auditório e Galeria 1
M12

Foi em Los Angeles, onde se radicou em 1966, que Guy de Cointet (1934, Paris – 1983, Los Angeles) produziu uma obra notável, cuja relevância no campo das artes visuais é hoje consensualmente reconhecida. No contexto da exposição retrospectiva na Culturgest, são apresentadas várias das suas peças teatrais, para as quais escreveu os textos e produziu os objetos cênicos. Nelas se manifesta, em todo o seu esplendor, um fascínio pela linguagem e pelos seus usos em contextos tão diferentes como a literatura (Raymond Roussel é uma referência assumida), a televisão e a rádio, ou as conversas quotidianas – um fascínio que também cultivou na sua prolífica e belíssima produção de desenho. Guy de Cointet explorou recorrentemente procedimentos de codificação e abstração da linguagem a partir do cruzamento entre texto, forma e cor. Nas suas peças teatrais, o artista desenvolveu um estilo muito próprio, pleno de artifício e de humor, construindo narrativas em que o familiar, o absurdo e o enigmático se entrelaçam.

Este programa inicia-se com algumas das suas primeiras peças teatrais (monólogos para uma atriz) e irá prolongar-se até meados de maio.

Direção artística para a Guy de Cointet Society: Hugues de Cointet

Sábado 5 de março · 18h30
Pequeno Auditório



Two Drawings (1974)

Dois desenhos

Duração: 20 minutos

Em inglês, sem legendas

Encenação: Yves Lefebvre

Interpretação: Mary-Ann Duganne Glicksman

Deambulando numa loja da zona ocidental de Los Angeles, uma mulher jovem é atraída por um desenho com uma forma curiosa. «Bastante simples e bonito», diz para si própria, e compra-o. Mas em casa, olhando-o com cuidado, tem que admitir que aquela modesta obra é estranha. Muito estranha, mesmo. Tão estranha como outro desenho...

A peça é um relato pormenorizado das reações desta jovem mulher perante estes dois desenhos.

Imagem: Blackberry Theatre, México, 2012. Atriz: Mary-Ann Duganne Glicksman © Todos os direitos reserva-

dos/Jumex Foundation. Cortesia Guy de Cointet Society e Air de Paris, Paris

My Father's Diary (1975)

O diário do meu pai

Duração: 15 minutos

Em inglês, sem legendas

Encenação: Yves Lefebvre

Interpretação: Sarah Vermande

No leito de morte um homem oferece à filha um livro, um precioso livro, cheio de textos, sinais, diagramas, desenhos. «Este é o meu diário...» começa por dizer. Já demasiado fraco para continuar, fecha os olhos... para sempre. Nesse momento a guerra rebenta, arrasando no seu turbilhão a rapariga e o diário. Recordando para o público estes trágicos acontecimentos, apresenta o enorme livro e tenta explicá-lo página por página.



Imagem: Playground festival, STUK Arts Center, Leuven, 2008.
Atriz: Mary-Ann Duganne Glicksman
© Fotografia: Liesbeth Bernaerts.
Cortesia Guy de Cointet Society e Air de Paris, Paris

Sábado 5 de março · 20h
Pequeno Auditório



Going to the Market (1975)

Ir ao Mercado

Duração: 15 minutos

Em inglês, sem legendas

Encenação: Yves Lefebvre

Interpretação: Mary-Ann Duganne Glicksman

Uma pintura, com uma forma geométrica invulgar, uma moldura colorida e um fundo branco coberto de letras pretas dispostas ao acaso. Ao acaso? Decididamente, não... A atriz, em poucos minutos, irá deslindar toda a história contida nesta obra.

Imagem: Playground festival, STUK Arts Center, Leuven, 2008.
Atriz: Mary-Ann Duganne Glicksman
© Fotografia: Liesbeth Bernaerts.
Cortesia Guy de Cointet Society e Air de Paris, Paris

**At Sunrise A Cry Was Heard
or The Halved Painting (1974)**

*Ouviu-se um grito ao nascer do sol
ou A pintura dividida ao meio*

Duração: 20 minutos

Em inglês, sem legendas

Encenação: Yves Lefebvre

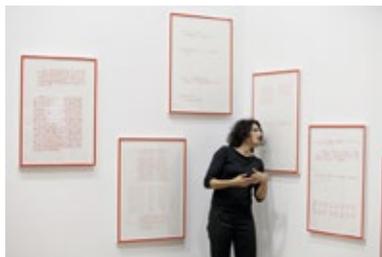
Interpretação: Violeta Sanchez

Maio de 1978. É primavera em Moscovo. Num apartamento que dá para a magnífica capital russa, na parede da sala, está pendurada uma grande pintura vermelha. A pintura – por causa da sua abstração, antiguidade e incontestável beleza – é motivo constante de discussão e controvérsia. A peça tenta encontrar entre as muitas interpretações diferentes, a que conduza à ideia original.



Imagem: Air de Paris, Paris, 2013.
Atriz: Violeta Sanchez © Air de Paris.
Cortesia Guy de Cointet Society e Air de Paris, Paris.

**Domingo 6 de março · 16h e 17h
Galeria 1 (sala 2)**



**La très brillante artiste Huzo Lumnst,
présente son nouveau travail:**

CIZEGHOH TUR NDJMB (1973)

*A brilhantíssima artista Huzo Lumnst
apresenta o seu novo trabalho:*

CIZEGHOH TUR NDJMB

Duração: 10 minutos

Sessão das 16h: em inglês, sem legendas

Sessão das 17h: em francês, sem legendas

Encenação: Yves Lefebvre

Interpretação: Sarah Vermande

Inventar o trabalho de um personagem inventado. Um personagem de um romance, por exemplo. Inventar um artista. Inventar vários artistas com relações próximas entre eles. O trabalho inventado de um artista inventado. «A brilhantíssima artista Huzo Lumnst apresenta o seu novo trabalho...»

Imagem: Nouveau Festival, Centre
Pompidou, Paris, 2013.

Atriz: Sarah Vermande © Fotografia:
Hervé Véronèse. Cortesia Guy de
Cointet Society e Air de Paris, Paris.

**Sábado 19 de março · 21h30
Pequeno Auditório**

**Comme il est Blond! (ou De Toutes
les Couleurs) (2013)**

Como ele é loiro! (ou De todas as cores)
Adaptação de Yves Lefebvre a partir
de *De Toutes les Couleurs* de Guy de
Cointet (1982)

Duração: 40 minutos

Em francês, sem legendas

Encenação: Yves Lefebvre

Interpretação: Pauline Haudepin, Paul
de Launay e Sarah Vermande

O cenário, os adereços, provocam, do princípio ao fim, incidentes que por sua vez arrastam mudanças súbitas de situação. Qualquer dos elementos do cenário pode provocar reações em cascata que modificam a atitude dos personagens, perturbam a sua maneira de pensar e agir. Nesta adaptação, o texto original é encurtado, o número de atores reduzido, as réplicas redistribuídas.

Imagem: Palais de Tokyo, Paris, 2013.
Atores: Pauline Haudepin, Paul de
Launay e Sarah Vermande



© Air de Paris. Cortesia Guy de Cointet Society e Air de Paris, Paris.

**Domingo 20 de março · 16h e 17h
Galeria 1 (sala 4)**



I Like Your Shirt (1980)

Gosto da tua camisa

Recriado em 2013

Duração: 20 minutos

Em inglês, sem legendas

Encenação: Yves Lefebvre

Interpretação: Pauline Haudepin
e Hadrien Peters

Um diálogo entre uma rapariga de Hong Kong e um francês. Uma língua desconhecida num livro de capa preta, palavras lançadas sob a forma de cubos, a misteriosa tipografia de um retrato fotográfico e toda a espécie de outras linguagens e signos reúnem-se numa multifacetada conversa que culmina num sonho poético e colorido.

Imagem: Recriação de 2014.
Atores: Pauline Haudepin e Hadrien
Peters © Air de Paris. Cortesia Guy de
Cointet Society, Collection Lambert
en Avignon; Air de Paris, Paris.

Guy de Cointet é um artista conceptual fascinado pela linguagem e pela relação entre palavras e imagens. Os seus desenhos estão cheios de texto e os seus textos, escritos para *performances* teatrais (nas quais nunca foi actor) estão cheios de desenho e supõem um diálogo com imagens e objectos artísticos. Experiência visual e experiência da linguagem, mantendo uma com a outra uma relação de reversibilidade (o visual redutível à linguagem e a linguagem redutível ao visual), são o ponto de partida e de chegada das suas *performances*. A artificialidade enfática dos gestos e das situações e os objectos cénicos que figuram verdadeiros quadros vivos (abstractos, geométricos, minimalistas) entram numa lógica do sentido que, em última instância, dá sempre a ver operações de carácter linguístico. A palavra como pressuposto ou como objecto de um jogo, ou ainda como activador do imaginário, muitas vezes representada nas peças em desenhos e diagramas, cria um fenómeno teatral que explora, à maneira surrealista, os mecanismos da imaginação e da associação. Já muitas vezes foi dito que Guy de Cointet foi um admirador e seguidor de Raymond Roussel, escritor francês objecto de culto dos surrealistas, que teve uma repercussão enorme nas neo-vanguardas norte-americanas. Tal como Roussel, que levou a parano-másia e os delírios verbais a um limite extremo (sobre a génese de *Impressions d'Afrique*, escreveu que esse seu romance consistia numa aproximação entre a palavra “billard” e a palavra “pillard”), também Guy de Cointet

seguiu muitas vezes “um processo poético” – como dizia o escritor francês – em que as palavras (ditas ou escritas em suportes que o actor utiliza) originam equações, jogos aleatórios, e rebelam-se contra a dimensão da comunicação. As *performances* de Guy de Cointet têm um conteúdo narrativo, mas são muito mais do que a representação de um texto, do que nele se conta. Aliás, elas não têm nada de “representativo”, e se a propósito delas falarmos de *mimesis*, só pode ser uma *mimesis* diabólica e não simbólica.

Quase sempre os textos contam uma história, um acontecimento, um encadeamento de acções. E por isso o actor que os interpreta em versão performativa fica investido no papel de narrador. Mas o narrador mantém uma distância em relação ao que conta, na medida em que a cena de que ele faz parte, aquela que se constrói ao longo do acto da *performance*, não é uma duplicação da narrativa porque convoca outra linguagem: plástica, imagética, abstracta, não narrativa. As palavras transmitem-se em experiência visual, a *performance* resulta num quadro ou, pelo menos, em formas identificáveis com códigos reconhecíveis da arte contemporânea. Deste modo, é como se assistíssemos a um desvio ou mesmo a um roubo do texto, que é esvaziado da sua narratividade (ainda que não linear) e posto ao serviço de uma “cena” diferente que se vai configurando diante do espectador. Ele entra numa relação com os objectos cénicos (formas geométricas sem nenhuma dimensão pragmática, a não ser uma mesa ou uma cadeira, mas

criando um desenho, um puzzle ou uma composição plástica) que fazem muitas vezes lembrar a poesia visual. Na verdade, as *performances* teatrais de Guy de Cointet consistem numa operação que suspende a prosa narrativa para fazer emergir a poesia, se entendermos aqui por poesia o que, por vários meios, interrompe a continuidade narrativa e expõe a palavra a si própria. Essa exposição que estas peças praticam é uma espécie de sabotagem da transparência narrativa. O espectador sente que aquilo que lhe está a ser contado está ao mesmo tempo a ser sabotado, e que a linguagem é o instrumento de sabotagem e de opacidade. E o ponto de partida narrativo torna-se uma ilusão que a *performance* desfaz.

As *performances*, que no percurso do artista surgiram tardiamente, têm de ser entendidas como um prolongamento e um diálogo com os desenhos. Mas elas estabelecem diálogos mais alargados com outras artes e, nesse aspecto da permeabilidade e do hibridismo das disciplinas artísticas, uma característica fundamental da arte contemporânea emerge aqui com evidência. E quando dizemos que Guy de Cointet se deixou fascinar pela linguagem e que as suas *performances* muito devem a uma reflexão sobre os processos de significação linguística (em que, por exemplo, a diferença entre significação e sentido é de grande pertinência), à análise da linguagem e a jogos de composição gráfica de palavras, não estamos apenas a apontar algo que é característico de um artista conceptual. No que diz respeito à experiência da linguagem nas

suas *performances*, ele situou-se num plano que repercutiu a enorme fortuna que a linguística teve nos anos 60 e 70 do século passado nas várias disciplinas das ciências humanas e também na literatura e nas práticas artísticas. Não é pois de admirar que o estruturalismo seja muitas vezes evocado a propósito das peças de Guy de Cointet. Mas, na sua oscilação entre a palavra e a imagem, estas peças também obrigam a pensar nos processos da écfrase, essa figura de retórica que consiste na descrição de um quadro. Ora, em muitos momentos estamos aqui perante algo semelhante: a linguagem não descreve, propriamente, mas inventa imagens. O caso mais evidente é a *performance* em que um artista apresenta os seus quadros, que não passam de molduras e telas vazias expostas como se estivessem numa galeria, inventando o que lá não está. Outras vezes, o actor cria perante o espectador um mundo que se autonomiza em relação àquele que constitui a matéria da narrativa e que esperávamos que fosse reconstituído: ele conta uma coisa, mas o que executa, o que “performa”, não é uma simples representação do que conta. Ou então introduz elementos paradoxais. Por exemplo, mostra formas que são estilizações geométricas ou abstractas, mas estão em vez dos objectos concretos da história ou da situação que está a ser representada. Nesses casos, nem o cenário nem os objectos “ilustram” a narração. Eles subvertem-na ou reconduzem-na a um espaço configurado por outros códigos (a linguagem da arte e já não a linguagem teatral). E o actor segue este

ágon entre o verbal e o visual. Os seus gestos, palavras e ações desenham um quadro. Por sinal, bastante abstracto.

António Guerreiro
(o autor não segue as regras do Acordo Ortográfico)

Guy de Cointet (Paris, 1934 – Los Angeles, 1983)

Nascido numa família de militares, Guy de Cointet viveu durante a sua infância e juventude em diferentes países, tendo passado a adolescência em Oran, na Argélia. Depois de ter concluído o ensino secundário, e de regresso a França, estudou na Escola de Belas-Artes de Nancy. Em 1956, passou a viver em Paris, onde trabalhou como artista gráfico para as revistas de moda *Vogue* e *Jardin des Modes*. Em 1966, partiu para Nova Iorque, mudando-se para Los Angeles em 1968, onde trabalhou como assistente do jovem artista Larry Bell até 1975, tendo nos anos seguintes sido professor no Otis Art Institute, onde lecionou um curso de *performance art*. Viveu e trabalhou em Los Angeles até à sua morte prematura, aos 48 anos.

Foi em Los Angeles que Guy de Cointet desenvolveu a obra pela qual é hoje consensualmente reconhecido no mundo da arte: uma profusa produção de desenhos, obras que tomam a forma democrática do livro, um extenso conjunto de peças teatrais (para as quais

escreveu os textos, produziu objetos e dirigiu os atores, na sua maioria mulheres). O seu trabalho radica num fascínio pela linguagem e pelos seus usos em contextos tão diferentes como a literatura (Raymond Roussel é uma referência assumida), a televisão e a rádio, ou as conversas quotidianas; o mesmo é dizer, num fascínio pelas formas e pelos processos da comunicação humana. Em meados da década de 1960 e nos anos subsequentes, Guy de Cointet havia realizado um conjunto de pinturas-objeto, abstratas e de cores vibrantes, por vezes com composições padronizadas. A exposição na Culturgest não inclui nenhuma dessas obras, ainda de juventude, sendo antes demarcada pelos desenhos que o artista realizou em 1971 e 1972.

Guy de Cointet explorou recorrentemente diversos procedimentos de codificação e abstração da linguagem. É exemplo a escrita em espelho, utilizada em vários desenhos de 1971 e, com especial insistência, nos desenhos de 1982 e 1983 feitos com uma caligrafia ornamental, evocativos da escrita árabe. A escrita em espelho surge frequentemente associada a uma rotação na posição do texto, destabilizando e complexificando ainda mais as relações entre imagem e texto, entre ver e ler, entre significante e significado. Também frequente no seu trabalho é o método, característico da criptografia, de conversão do texto (do alfabeto latino) num sistema de signos irreconhecível. Recorreu pela primeira vez a esse método numa série de desenhos de 1971 e 1972, em que o texto surge cifrado

num alfabeto cujo denominador comum é a forma hexagonal. A ele haveria de regressar no seu primeiro livro, *A Captain from Portugal* (1972), assim como no seu último livro, *Animated Discourse* (1975), realizado em colaboração com Larry Bell, em que um excerto do livro *A Arte de Viver para as Novas Gerações* (1967), de Raul Vaneigem, é transliterado para um sistema de signos (um outro alfabeto e sistema de pontuação) formado por imagens fotográficas. Desse método fez igualmente amplo uso numa série de desenhos de 1976.

Entre 1973 e 1976, Guy de Cointet fez uma pausa na sua produção de desenho. Nesse período, continuou a dedicar-se intensamente à produção de livros que evidenciam fortes afinidades com a poesia concreta e visual: a seguir ao jornal encriptado *ACRCIT*, edição do autor em 1971, e além dos livros acima mencionados, o artista publicou *Espahor ledet ko uluner!* (1973), *TSNX C24VA7ME* (1974) e *A Few Drawings* (1975). Mas o interregno na sua produção de desenho explica-se sobretudo pela absorvente atividade de criação de peças teatrais. Em 1973, Guy de Cointet produziu uma série de doze impressões serigráficas que seriam ativadas na peça *La très brillante artiste Huzo Lumnst présente son nouveau travail: CIZEGOH TUR NDJMB*, interpretada pela atriz Chantal Darget (Galerie Sonnabend, Paris, novembro de 1973). Esse seria o primeiro de vários monólogos para uma atriz, que caracterizam a primeira fase do teatro de Guy de Cointet. Os objetos produzidos para essas peças (quadros na parede ou um livro; composições

com signos, símbolos, diagramas) corporizam jogos de linguagem idênticos aos que o artista explorou nos livros *TSNX C24VA7ME* e *A Few Drawings*, e desempenham um papel fulcral na narrativa e na construção dramática das peças: são enigmas que a atriz decifra ou a que se refere constantemente. Já então, e em todo o trabalho teatral posterior, os objetos não se reduzem ao simples estatuto de adereços. Constantemente convocados e ativados pelos atores, seja através do discurso, seja através da interação física que com eles estabelecem, os objetos ganham uma importância decisiva no teatro de Guy Cointet, ascendendo à condição de personagens. Para o artista, os objetos detinham a sua autonomia própria enquanto obras de arte, como atesta o facto de ter mostrado por vezes esses objetos (por exemplo, os conjuntos de objetos para as peças *Ethiopia* e *Tell Me*) em exposições.

Guy de Cointet seguiu, na criação das suas peças teatrais, o método tradicionalmente usado no teatro: escrita do texto, escolha dos intérpretes, ensaios, representação. Com *Ethiopia*, em 1976, e imediatamente a seguir, com *Iglu* e *Ramona*, em 1977, peças concebidas em colaboração com o escultor e músico Robert Wilhite, o teatro de Guy de Cointet ganha maior complexidade: os textos tornam-se mais extensos, a duração das peças alonga-se, há uma maior profusão e variedade de objetos, o elenco passa a integrar três ou mais atores (nomeadamente, aquelas que se tornariam as suas atrizes prediletas e mais requisitadas, Mary-Ann Duganne

Glicksman e Jane Zingale). Nos anos seguintes e até 1982, em peças como *Tell Me* (1979), *A New Life* (1980), *Comme Il est Blond!* (ou *De Toutes les Couleurs*) (1982) e *Five Sisters* (1982), Guy de Cointet continuou a desenvolver e a apurar um estilo muito próprio e inconfundível, pleno de artifício e de humor, caracterizado pela maneira enfática de representação (expressão verbal e gestual dos atores), assim como pelo modo como os objetos são integrados e ativados nas peças. Enquanto os desenhos geram relações recursivas, e por vezes disjunções, entre o visível e o legível (inteligível), nas peças teatrais o artista fabrica, a todo o instante, uma divertida descontinuidade entre o que vemos e o que ouvimos, assim induzindo ou acentuando um constante entrelaçamento entre o familiar, o absurdo e o enigmático.

Durante a sua vida, Guy de Cointet seria mais conhecido pelos livros e, sobretudo, pelas peças teatrais do que pela produção de desenho. O artista realizou poucas exposições individuais (a primeira em 1976, na Cirrus Gallery, em Los Angeles, onde apresentara já algumas das suas primeiras peças teatrais), e muitas das exposições coletivas em que participou (a primeira em 1972) incidiram sobre o livro de artista ou o uso pelos artistas do texto como *medium*. Em contrapartida, a sua breve carreira foi preenchida por múltiplas representações das suas peças teatrais, quase sempre nos Estados Unidos, fosse em galerias de arte, salas de espetáculo, museus e centros de arte contemporânea (incluindo, em Nova Iorque, os

prestigiados Whitney Museum, MoMA e Solomon R. Guggenheim Museum), ou clubes noturnos. Apreciado e admirado na época em círculos restritos do mundo da arte, a obra de Guy de Cointet foi redescoberta à escala internacional em 2004, com a retrospectiva comissariada por Marie de Brugerolle no Museu de Arte Moderna e Contemporânea, em Genebra. Desde então, tornou-se referência maior no campo das artes visuais e fonte de inspiração para um número crescente de artistas.

Miguel Wandschneider

Programa organizado com a colaboração da Guy de Cointet Society / Air de Paris, Paris, e do Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid.

Próximo espetáculo

Delirar a Anatomia

de Ana Rita Teodoro

Dança Sex 11, sáb 12 de março
Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração aproximada: 1h · M16



© Laurent Fricquet

Delirar a Anatomia é uma coleção de estudos febris dedicados a uma parte do corpo, desenvolvidos em camadas de leitura, observação, experiência, escrita e composição coreográfica. Procura desvendar os segredos escondidos na constituição física e assim rever funções destinadas e relações estabelecidas.

Próximo espetáculo de teatro

This is how we die

É assim que se morre

de Christopher Brett Bailey

No âmbito do Alkantara Festival

Teatro Qua 1, qui 2, sex 3 de junho
Peq. Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M12



© Jemima Yong

Histórias de paranoia, amor juvenil e ultraviolência matraqueadas numa colagem de narrativa e *spoken word*. Da mesa de Christopher Brett Bailey vem uma odisseia vertiginosa de humor negríssimo e prosa de pesadelo. Naco suculento de *trash* surrealista, esta é uma viagem fatal pela cultura americana e um exorcismo estonteante para um mundo convencido de que está a morrer.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Sara Amaral

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt